

7

Implantação de um Programa de Ginástica Artística visando a Melhora da Qualidade de Vida de Crianças Deficientes Visuais

Cíntia Moura de Souza

Graduada em Educação Física - UNICAMP
Especialista em Gestão e Qualidade de Vida na Empresa - UNICAMP
Mestranda em Educação Física Adaptada - UNICAMP

INTRODUÇÃO

O Brasil tem hoje cerca de 16 milhões de portadores de deficiência, mais de 10% da população. Dos 9 milhões em idade de trabalhar, apenas 1 milhão está na ativa. E destes, 800 mil fazem parte do chamado mercado informal, sem carteira assinada (IBGE, 2000). Esse é um dos, dentre muitos outros, problemas que atinge os deficientes: não são ou não foram preparados para essa “independência” que o mundo globalizado tem oferecido. Criam-se leis (decreto no. 3.298, 20 de dezembro de 1999, *apud* CASTRO, 2005, p. 66 *apud* GONÇALVES *et al.*) que obrigam as empresas a inserir uma cota determinada de deficientes em sua lista de trabalhadores, mas não são criadas políticas públicas, instituições, escolas, que acompanhem essa demanda e preparem esses de-

ficientes para tal inclusão. O processo tem se preocupado com uma via somente do processo e dessa forma a ação se torna muito pequena.

É pensando nesse caminho de várias vias rumo à inclusão de deficientes, que devemos nos preocupar primariamente com a educação desse público, pois nada adiantará termos espaços preparados para atendê-los, empresas oferecendo oportunidades de trabalho, se não pudermos oferecer público capacitado a utilizá-los, de todas as formas: aptos a cobrar seus direitos e cumprindo com seus deveres. Esse processo deveria começar desde muito cedo - a infância (foco do nosso estudo) e dentro de contextos complexos (escolhido por nós - a Educação Física).

OBJETIVOS

O objetivo geral da implantação de um programa de Ginástica Artística às crianças deficientes visuais é, através de um contato maior com prática regular da atividade física, proporcionar tanto um desenvolvimento motor, quanto cognitivo, afetivo e social, pensando na contribuição que essas atividades possam trazer para a melhora da Qualidade de Vida e o Desenvolvimento Humano dessas crianças.

O objetivo específico é comparar os resultados encontrados em um teste específico que avalia a Qualidade de Vida de crianças, chamado AUQEI - Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé, desenvolvida por Manificat & Dazord (ASSUMPCAO JR., FRANCISCO B. *et al* (2000)), que será aplicado no início da inserção da criança deficiente visual ao programa e reaplicado semestralmente. Após cada aplicação, faremos uma análise quantitativa e qualitativa dos resultados, afim de captar informações necessárias para a elaboração do próximo programa semestral de atividades. Essas informações serão disponibilizadas aos pais e/ou responsáveis dessas crianças, bem como a outros profissionais que desenvolverem trabalhos pedagógicos com elas, com o intuito de contribuir ao máximo com a “equipe” de trabalho e familiares nesse processo de desenvolvimento humano dessas crianças deficientes visuais.

JUSTIFICATIVA

Atualmente encontramos uma colisão entre idéias de uma Sociedade Inclusiva X Sociedade Segregadora. Existem centros educacionais, clínicas de reabilitação para quase todo tipo de deficiência. Porém, o que mais preocupa é a forma como a maioria delas desenvolve sua atividade. Muitas vezes, o trabalho é localizado, separado do contexto do desenvolvimento global, isto é, possibilitam o melhor desempenho desses indivíduos dentro desse contexto que lhe é familiar, faz amigos, se diverte, participa das atividades. Mas será que fornece possibilidades para que quando esse indivíduo saia desse contexto social e se depare com outros contextos, ele consiga adquirir créditos e conquistas? Porque é evidente, nada adiantará desenvolver capacidades se não for almejado, por trás disso, a eficiência dessa ação no relacionamento desse indivíduo com as pessoas em geral.

Pensando no desenvolvimento motor e humano de crianças deficientes visuais, preocupa saber que ainda faltam conceitos fundamentais para que esses programas de diversas causas (atividades físicas, empregabilidade, adequação de espaços, dentre outros) sejam parceiras e, desta feita, precursoras da tão almejada “inclusão social”.

Foi pensando nessa causa que esse programa foi elaborado. Devido a uma parceria oferecida pela Faculdade de Ciências Médicas (FCM) - UNICAMP, mais especificamente pelo Departamento de Oftalmologia e o Centro Gabriel Porto - CEPRE, com o GEPEAMA (Grupo de Estudos em Atividade Motora Adaptada) desenvolvido na Faculdade de Educação Física - UNICAMP, diversos trabalhos vem sendo desenvolvidos na área, e constatada a grande importância que a Educação Física pode proporcionar ao tema proposto.

MÉTODO

- Sujeitos: Crianças Deficientes Visuais, na faixa etária de 3 a 10 anos, que serão autorizadas pelos pais e/ou responsáveis, anteriormente ao início nas atividades, através de um Termo de Consentimento que discriminará a garan-

tia à proteção e aos cuidados necessários, e o direito de desistência à participação nas atividades de acordo com a intenção do indivíduo.

- Equipamentos: Todos os equipamentos necessários para as aulas do projeto serão oferecidos pelo grupo de professores de Educação Física que desenvolverão o programa com as crianças. A instituição sediadora do espaço físico fica isenta dessa responsabilidade.
- Coleta dos dados: Será aplicado um teste de avaliação da Qualidade de Vida - AUQEI - Autoquestionnaire Qualité de Vie Enfant Imagé, desenvolvida por Manificat & Dazord (*apud* ASSUMPCAO JR., FRANCISCO B. *et al*,2000) - nas crianças participantes do projeto. Trata-se de uma auto-avaliação que utiliza o suporte de imagens (no caso de crianças deficientes visuais, será adaptado para uma leitura das imagens), que a própria criança responde. Pede-se, então, à criança, que escolha, sem tempo definido, a resposta que mais corresponde ao seu sentimento frente ao domínio proposto. Esses fatores são representados respectivamente por: Autonomia: questões relativas à independência, relações com companheiros e avaliações; Lazer: questões relativas a férias, aniversário e relações com avós; Funções: questões relativas a atividade na escola, a refeições, deitar, ida a médico, etc; Família: questões relativas a opinião quanto às figuras parentais e delas quanto a si mesmo. Será aplicado semestralmente e analisado qualitativamente e quantitativamente, com o intuito de que os resultados auxiliem no planejamento semestral das atividades e reavaliação das propostas ao grupo.
- Planejamento: As aulas terão uma frequência de duas vezes por semana e duração de uma hora e trinta minutos. O projeto será divulgado via internet, folderes e informativos junto às instituições que atendem crianças deficientes visuais e em clínicas oftalmológicas.
- Orçamento do programa: Para um projeto com a frequência de duas vezes por semana com duração de uma hora e trinta minutos, com no máximo vinte

alunos inscritos e sob a responsabilidade pedagógica de dois professores formados em Educação Física o orçamento é de R\$ 2.500,00. Sendo os professores registrados conformes as normas legais da CLT, todos os materiais que serão utilizados em aula serão de responsabilidade dos professores e caso haja demanda, tem-se a opção de abrir mais turmas.

- Estratégia do Programa: Precisa-se de uma sala ou pátio coberto, com uma área de no mínimo 25m² para a realização das atividades. Caso existam salas menores, o projeto pode ser adaptado e realizado, mas com menos diversidade de aparelhos durante cada aula.
- Local para Prática do Programa: Instituições diretamente vinculadas a trabalhos destinados às crianças deficientes visuais; clubes, academias, empresas que desejem investir em projetos de Responsabilidade Social.

DEFICIÊNCIA VISUAL

“A deficiência visual é caracterizada por perdas parciais ou totais da visão, que após a melhor correção ótica ou cirúrgica, limitem seu desempenho normal” (MELO, 1991).

Baseado em classificações da Organização Mundial de Saúde foi elaborado o “Guide for the evaluation of visual impairment”. De acordo com o documento, o estudo do funcionamento visual pode ser abordado a partir de quatro aspectos: dois relativos ao órgão visual (alterações anatômicas e estruturais que levam a mudanças funcionais, desencadeando alterações nas funções visuais) e dois relativos à pessoa (refere-se a modificações na capacidade de aproveitamento da visão - habilidade visual do in-

divíduo. Estes últimos aspectos podem gerar conseqüências em maior ou menor grau de desvantagem social e econômica, conforme as alterações na visão funcional) (MEY e ALMEIDA, *apud* GORGATTI E COSTA, 2005, p. 31).

Órgão Visual		Pessoa	
Mudança estrutural ou anatômica	Mudança funcional no nível do órgão	Alteração das habilidades do indivíduo	Conseqüências econômicas e sociais
Doença, ferimento (disorder, injury)	Deficiência (impairment)	Incapacidade (disability)	Desvantagem (handicap)
	Funções visuais medidas quantitativamente. Ex.: acuidade visual	Visão funcional descrita qualitativamente. Ex.: habilidade de leitura	

Adaptação baseada em ISLRR, 1999, feita por Batista & Rossi, 2001 (GORGATTI E COSTA, 2005, p. 31).

A EDUCAÇÃO FÍSICA (EF)

A EF apresenta um contexto no qual podemos encontrar diversas possibilidades de utilizá-la como um auxílio para a construção da educação inclusiva. Rodriguez (2001) desenvolveu um estudo no qual explica as razões dessa relação. Em primeiro lugar, o autor coloca que os conteúdos ministrados nas aulas de EF apresentam um grau de determinação e rigidez menor do que outras disciplinas, dispondo o professor de EF de uma maior liberdade para organizar os conteúdos que pretende ensinar em suas aulas. A EF seria, dessa forma, uma área curricular mais facilmente inclusiva devido à flexibilidade inerente aos seus conteúdos, o que, por sua vez, conduziria a uma maior facilidade de diferenciação curricular. Em segundo lugar, ele considera a imagem positiva e dinâmica que os professores de EF possuem diante dos alunos em comparação com os professores de outras disciplinas. Talvez devido aos aspectos fortemente expressivos da disciplina, os professores são conotados com profissionais com atitudes mais

favoráveis à inclusão e que, conseqüentemente, levantam menos problemas e encontram soluções mais facilmente para casos difíceis. Em terceiro lugar, a EF é uma área que permite uma ampla participação mesmo de alunos que evidenciam dificuldades. Ela (EF) é capaz de suscitar uma participação e um grau de satisfação elevado de alunos com níveis de desempenho muito diferentes.

Diante dessas colocações positivas que a EF pode trazer, nos deparamos com alguns obstáculos que não podemos deixar de refletir e também passou a ser colocado por Rodrigues. Podemos começar com o déficit na formação dos professores de EF, que gera uma insegurança e uma atitude não muito positivas na aceitação de alunos com deficiências em suas aulas, o que faz com que estes últimos acabem recorrendo pelo método mais fácil de dispensa das atividades. E, em segundo plano, o contexto competitivo agregado à cultura desportiva, e indiretamente às propostas curriculares da EF, dificultando a inclusão de alunos menos capazes para um desempenho competitivo.

A Ginástica Artística (G.A.) é composta por elementos ginásticos e acrobáticos que são básicos para a evolução motora e contribuem para a formação integral de qualquer criança, seja ela portadora de alguma deficiência, ou não. Ela pode ser vista como atividade olímpica (de alto rendimento) e/ou como conteúdo da Educação Física escolar (pela qual caminha nosso projeto). Utiliza-se de alguns aparelhos: solo; trave; cavalo; cavalo com arções; barra fixa; barras simétricas; barras assimétricas; argolas e alguns aparelhos auxiliares, como: espaldares; bancos suecos; mini-trampolim; cordas (com nó ou sem nó); trampolim acrobático; plinto; cordas, arcos, bastões. Todos esses aparelhos podem ser adaptados ou alternativos, como colocado pelos estudos de Schiavon (2005, p. 169).

A G.A., sem a preocupação essencialmente de rendimento, pode proporcionar à criança a realização dos movimentos básicos (andar, correr, saltar, girar, equilibrar, rastejar, quadrupediar, puxar, empurrar, trepar, transportar, balançar, arremessar, etc), as atividades inabituais (rotações, reversões, inversões de apoios, etc), atividades motoras globais que proporcionam a construção das estruturas sensório-motoras e o aumento do vocabulário motor.

Experimental, vivenciar, sentir o movimento é de extrema importância para a fase de aprendizagem. Tanto Carrasco (1982) quanto Leguet (1987) criaram grupos de movimentos que nos possibilitam tal alcance dentro da G.A. A partir da aquisição de uma consciência corporal mais apurada após a vivência desses movimentos básicos, a criança Deficiente Visual pode construir movimentos mais complexos dentro do contexto da G.A., ou utilizar de tais conhecimentos para criar uma maior autonomia e uma melhora em sua qualidade de vida.

DISCUSSÃO FINAL

Com esse projeto, esperamos melhorar a Qualidade de Vida de crianças Deficientes Visuais através de uma prática de atividade física bem sistematizada e direcionada. É diante a complexidade das práticas pedagógicas encontradas na Educação Física, fica fácil adaptarmos qualquer que seja o conteúdo e incluímos todos em nossas aulas. Assim, educar uma criança deficiente visual através do esporte ou da prática da atividade física é função social da Educação Física, pois ela é civilizadora, disciplinadora, educativa e inclusiva dentro de um mesmo contexto simultaneamente.

REFERÊNCIAS

BRUNO, MARILDA MORAES GARCIA. DEFICIÊNCIA VISUAL: REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA. SÃO PAULO, LARAMARA, 1997, 124 p.

CARRASCO, ROLAND. A ATIVIDADE DO PRINCIPIANTE: PROGRAMAS PEDAGÓGICOS. 4ª. ED. SÃO PAULO: EDITORA MANOLE, 1982.

GALLAHUE, DAVID L., OZMUN, JOHN C. COMPREENDENDO O DESENVOLVIMENTO MOTOR: BEBÊS, CRIANÇAS, ADOLESCENTES E ADULTOS. TRADUÇÃO: MARIA APARECIDA DA SILVA PEREIRA ARAÚJO. SÃO PAULO: PHORTE EDITORA, 2003, 641p.

GORGATTI, MÁRCIA GREGUOL, COSTA, ROBERTO FERNANDES DA; ATIVIDADE FÍSICA ADAPTADA: QUALIDADE DE VIDA PARA PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS. BARUERI, S.P.: MANOLE, 2005, 589p.

MARTÍN, MANUEL BUENO; BUENO, SALVADOR TORO. DEFICIÊNCIA VISUAL: ASPECTOS PSICOEVOLUTIVOS E EDUCATIVOS. TRADUÇÃO: MAGALI DE LOURDES PEDRO. SÃO PAULO, LIVRARIA SANTOS EDITORA LTDA., 2003, 336 p.

MELO, HELENA FLÁVIA R. DEFICIÊNCIA VISUAL - LIÇÕES PRÁTICAS DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE. CAMPINAS, EDITOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP , 1991, 158 p.

MOURA, CINTIA SOUZA., FERRERIRA, A. C. G. O., OLIVEIRA FILHO, C. W., ALMEIDA, J.J.G. DE; A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES EM UM PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE PARA CRIANÇAS DEFICIENTES VISUAIS. EFEDEPORTES. INTERNET: WWW.EFEDEPORTES.COM, BUENOS AIRES. 2006.

MOURA, CINTIA SOUZA., FERRERIRA, A. C. G. O., OLIVEIRA FILHO, C. W., ALMEIDA, J.J.G. DE; RELATO DE EXPERIÊNCIA: GINÁSTICA ARTÍSTICA PARA CRIANÇAS DEFICIENTES VISUAIS. EFEDEPORTES. INTERNET: WWW.EFEDEPORTES.COM, BUENOS AIRES. 2005.

NISTA-PICOLLO, VILMA L. ATIVIDADES FÍSICAS COMO PROPOSTA EDUCACIONAL PARA A 1ª FASE DO 1º GRAU. DISSERTAÇÃO (MESTRADO), FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP, 1988.

PIKUNAS, JUSTIN. DESENVOLVIMENTO HUMANO. TRADUÇÃO DE: AURIPHEBO BERRANCE SIMÕES; REVISÃO TÉCNICA DE WANDERLEY MANOEL DOMINGUES. SÃO PAULO: MCGRAW-HILL DO BRASIL, 1979, 494 p.

RODRÍGUEZ, DAVID. EDUCAÇÃO E DIFERENÇA: VALORES E PRÁTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA. PORTUGAL, PORTO EDITORA LTDA, COLEÇÃO EDUCAÇÃO ESPECIAL, Nº7, 2001, 157p.

RODRIGUES, D. A EDUCAÇÃO FÍSICA PERANTE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA: REFLEXÕES CONCEPTUAIS E METODOLÓGICAS. BOLETIM DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 24/25, PP. 73.81. LISBOA. INTERNET: WWW.SOBAMA.ORG.BR.

SCHIAVON, LAURITA M. A GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO INFANTIL. MONOGRAFIA (GRADUAÇÃO), FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP, 1996.